



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: HOMOFOBIA, PRÁTICAS DISCRIMINATÓRIAS E AÇÕES EDUCATIVAS

Autor (1); Vinícius Pascoal Eufrazio; Co-autor (1); Samantha Suene de Abreu Leite; Co-autor (2); Viviane Siarlina Lucena; Orientador (1); Karlla Christine Araújo Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, viniciuspascoal19@outlook.com, samanthaabreuleite@outlook.com, viviane.siarline@hotmail.com karlla_chris@yahoo.com.br

Introdução

A escola é uma instituição social, onde através dos valores e conhecimentos repassados pelos docentes, somos instruídos de como devemos nos comportar enquanto indivíduos sociais, a mesma se caracteriza por ser um ambiente diverso, propiciando a intolerância de alguns indivíduos para com outras pessoas, por serem esses indivíduos considerados como diferentes diante da sociedade. O ambiente escolar é também um espaço de formação de cidadãos, desta forma é de extrema importância que se forme pessoas conscientes dos seus direitos sociais e civis e dos direitos do seu próximo, independente de sua “opção” sexual. Uma vez que a escola é um espaço onde existe tanto a diversidade de gênero, quanto à diversidade cultural, tratar da questão da homofobia é considerado como sendo de grande relevância para os alunos em idade de formação escolar e cidadã.

O interesse acerca desta temática ocorreu a partir das nossas experiências enquanto alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de ciências sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), aliada a seguinte inquietação: como entender a forma que escolas vêm desenvolvendo ações pedagógicas acerca do tema homofobia? Com a ausência de um projeto que contemple esta temática, as escolas acabam omitindo a discussão sobre a mesma. A abordagem sobre gênero e sexualidade nas escolas, em especial a homofobia, seria uma forma de esclarecer aos alunos, que há outras formas de relacionamento entre as pessoas, contribuindo assim para a diminuição da intolerância por parte dos leigos, na tentativa de se criar uma cultura do respeito para com as diferenças sexuais e diminuindo os casos de homofobia presentes na sociedade atualmente.

Os alunos homoafetivos estão vulneráveis a sofrer abusos, agressões verbais e não verbais, por parte de todas as pessoas que constituem o ambiente escolar. A homofobia é uma das poucas discriminações que ainda não existe legislação reparadora. Já se considera como sendo inadmissível



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

chamar um negro de negro, de macaco, porém é considerado totalmente normal e aceitável chamar uma pessoa que gosta de pessoas do mesmo sexo de “bicha”, “veado”, “sapatão”, dentre outros termos pejorativos. Acha-se aceitável o fato de essas pessoas sofrerem bullying nas escolas, apanharem na rua, porque ser gay ou lésbica seria um crime e um atentado à família e aos valores religiosos.

A escola tem um papel fundamental na quebra de preconceitos considerados ultrapassados e discriminatórios, a mesma tem o papel de conscientizar os seus alunos de que se existe diferenças e, para convivermos em sociedade, precisamos aprender a conviver com o “diferente”. De que a construção de uma sociedade igualitária se dá por meio do respeito às pessoas, independente da sua cor, raça, sexo ou “opção sexual”. Mas para que as escolas passem a tratar da questão de diversidade sexual, é necessário que os profissionais da educação, sejam devidamente capacitados. É necessário subsidiar teórico-metodologicamente o (as) professor (as) da rede estadual, por meio da formação continuada e da produção de materiais de apoio pedagógico, para assim poder inseri-la nas diversas disciplinas do currículo e atender os conteúdos compostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Os objetivos desta pesquisa foram compreender as dificuldades e as possibilidades de uma ação educativa por parte da escola, que aborde a diversidade sexual e trate de problemas relacionados à questão da sexualidade e homofobia e perceber as dificuldades dos professores, a ação dos gestores e o preconceito que existe entre os alunos.

Metodologia

Para a construção do presente trabalho, utilizamos uma pesquisa bibliográfica acerca dos parâmetros legais, tais como, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96 (BRASIL, 1996); Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual (BRASIL, 2004) como documentos que estabelecem paradigmas de comportamento sexual e afetivo na escola. Com base nas referências bibliográficas foi elaborado um roteiro de entrevista com perguntas abertas e logo após, foram realizadas observações e entrevistas estruturadas com gestores, professores e alunos. A realização do trabalho de campo ocorreu nas Escolas Estaduais Centro de Educação Integrada Prof. Eliseu Viana e Governador Dix-Sept Rosado, em nove de julho de 2015, as mesmas são parceiras do PIBID ciências sociais da UERN, na cidade de Mossoró-RN, foram ouvidos alunos do 1º, 2º e 3º série, do turno vespertino, foram entrevistadas duas professoras das respectivas escolas e uma supervisora por instituição.

Resultados e Discussão

As escolas pesquisadas não têm um plano específico ou ao menos algo como uma determinação refletida e voltada para lidar com as situações que envolvem gênero e sexualidade, tanto em termos de informações interdisciplinares acerca da temática, quanto em termos de ações em casos de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

discriminações. Assim, as professoras acabam lidando com as situações de acordo com os seus próprios valores, os seus conhecimentos específicos e a partir de suas próprias possibilidades que são limitadas tanto pelo formalismo escolar, no sentido de divisão de saberes, quanto pela falta de uma direção, ou seja, uma ação que seja informada e que dê apoio ao professor na sua tarefa de educar de forma humanista e inclusiva.

A abordagem da sexualidade deve ser contínua, corajosa e politicamente interessada com a crítica desses modelos de desigualdades sexual, de gênero, etnia, religião. Sabendo que a sexualidade é tida como construção social, histórica e cultural sente-se a necessidade de tratar sobre as relações de discriminação. Os dados indicam que é necessário que seja feito um trabalho educativo com as supervisoras das escolas e com orientadores pedagógicos, para que sejam sensibilizados para o problema e possam dar suporte as professoras que tomam para si a tarefa de abordar temas como a homofobia somente quando o problema eclode em sua sala de aula, provando com isso a importância do tratamento de questões ligadas às relações de gênero e diversidade sexual durante todo o processo de ensino-aprendizagem.

Percebemos o que acontece quando a escola não sabe, ou não quer lidar com este preconceito, qual o contato do professor com estudos sobre educação sexual e homofobia e como os alunos assumem práticas que disseminam o preconceito em sua convivência escolar, contrariando a expectativa da escola como local de uma aprendizagem que promova a cidadania para todos e o respeito às regras que permitem a coexistência, em igualdade, dos diferentes. Por meio das entrevistas estruturadas, constatamos que as escolas apresentam certa dificuldade acerca da abordagem do tema homofobia, pois não há neste ambiente nenhum grupo de estudo e/ou discussão que debatam essa temática; os docentes não são devidamente capacitados para abordarem este tema; há questões delicadas para se tratar em relação a este tópico: gênero e sexualidade, pois muitas vezes os alunos não querem falar sobre o mesmo, por existir uma resistência por parte da família em relação ao tema.

Conclusão

O trabalho foi realizado em duas escolas da Rede Estadual de ensino médio, na cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte, o mesmo teve a pretensão de realizar uma observação reflexiva com relação à forma com que os (as) professores (as) tratam da formação de seus alunos acerca de gênero e sexualidade, com enfoque na tolerância à diferença sexual; tentar romper o silêncio que ainda existe na escola, mesmo sem influenciar nos debates acerca das condutas religiosas e morais construídas politicamente naquele ambiente; e como forma de dar visibilidade aos alunos considerados como "diferentes", a fim de apresentá-los como possuidores de direitos sociais. Entre os alunos, é perceptível que alguns se tornam mais retraídos porque começam a ser vítimas de discriminação. Existem aqueles que dizem não se incomodar, outros se tornam até agressivos também, justamente porque sofrem agressão.

Os/as educadores/as reconhecem que a temática de gênero e sexualidade, em especial a homofobia, como sendo um assunto polêmico, consideram o mesmo como um tema importante para



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ser estudado em sala de aula, pois vivemos num espaço onde devemos tratar as pessoas com igualdade, para não gerar a violência, seja ela emocional, seja no sentido físico, ou no comportamento do aluno diante dos seus colegas ou do próprio ambiente escolar. Se a escola sabe que existe homofobia, mas silencia, desta forma, ela está contribuindo para a manutenção do comportamento homofóbico.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de educação fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Pluralidade cultural e orientação sexual. v. 10. Brasília: MEC/SEF. 1997.

BRASIL. Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais-1/catalogo/orgao-essenciais/secretaria-de-direitos-humanos/brasil-sem-homofobia-programa-de-combate-a-violencia-e-a-discriminacao-contra-lgbt-e-de-promocao-da-cidadania-homossexual/view>> Acesso em: 10/08/2015

HENRIQUES, Ricardo, et al. **Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. 4.ed. Brasília: Secad/MEC, Maio 2007. 87 p.

DINIS FERNANDES, Nilson. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **IN: Educar em Revista**. Disponível em:<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/21410/14111>> Acesso em: 10.08.2015

BORGES, Zulmira Newlands; MEYER, Dagmar Estermann. Possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **IN: Revista Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação**. Disponível em:<<http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/551>> Acesso em: 10/08/2015

MELLO, Luiz. et al. Para além de um kit anti-homofobia: Políticas Públicas de educação para a população LGBT no Brasil. **IN: Revista Bagoas**. Disponível em:<http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v06n07artarp06_melloetal.pdf> Acesso em: 10.08.2015



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO